

## Jeremy Bentham

1748 – 1832

Escola: economia clássica britânica, utilitarismo

Principais Obras: *Defence of Usury; An Introduction to the Principles of Morals and Legislation; The Theory of Legislation.*



Vida: nascido em Londres, Bentham pode se dedicar à filosofia e reforma jurídica e social, pois sua herança o livrou de exercer a advocacia, profissão em que se formara. Deixou herança para uma faculdade em troca de ter seu corpo mumificado e exposto aos alunos.

Principais Idéias: a importância de Bentham para a economia não está em nenhuma contribuição analítica, mas na influência que a sua filosofia utilitarista exerceu sobre autores como os Mill (pai e filho) e mais tarde Jevons.

Em economia, combateu as leis de usura, que condenava a cobrança de juros sobre empréstimos. Bentham argumentava, contra Smith, que qualquer troca voluntária é benéfica para ambas as partes, não devendo portanto ser proibida.

Sua filosofia social também contrasta com Smith. Enquanto o liberalismo deste via uma harmonia natural de interesses entre os membros de uma sociedade sob um conjunto adequado de instituições, o utilitarismo de Bentham rejeitava essa harmonia, defendendo intervenção estatal a fim de conciliar os interesses diversos dos habitantes.

O princípio básico de sua filosofia era a “maximização da felicidade para o maior número de pessoas”. A sua análise de bem estar social era baseada nos princípios de prazer e dor:

*A Natureza colocou a humanidade sob o governo de dois mestres soberanos, dor e prazer. ...Seu único objetivo é a busca de prazer e a fuga da dor.*

Bentham procurou quantificar essa maximização através de seu “cálculo felicífico”. Este procura estimar os valores de dor e prazer, em termos de unidades de utilidades. Essa medida varia conforme características das dores e prazeres, que os tornam mais ou menos importantes. Entre esses fatores, podemos citar a intensidade do prazer ou dor, sua duração, sua certeza ou incerteza, sua distância no tempo, isto é, se o prazer for realizado agora ou em algum momento futuro, sua fecundidade, ou seja, sua capacidade de gerar outros prazeres ou dores, sua pureza, que verifica se o prazer é seguido ou não de dor e finalmente pela quantidade de pessoas afetadas por ela.

Se uma política de governo ou um evento qualquer resultar em uma soma de prazeres resultantes da mesma maior do que a de dores, teríamos uma melhora para a sociedade. No processo de calcular prazeres e dores, Bentham tenta usar o dinheiro como medida, reconhecendo a utilidade marginal decrescente da renda: uma unidade monetária vale mais para um pobre do que para um rico.

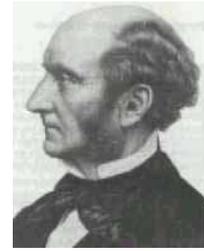
Seu critério de bem estar social era democrático: a dor e prazer de todos os membros da sociedade, não importando o *status* social, deveria ser somada de forma igual para o cálculo felicífico da sociedade.

O programa utilitarista foi alvo de muitas críticas. Mesmo admitindo como critério único de avaliação de uma política o cálculo de dores e prazeres, ainda assim teríamos o problema da falta de critério para medir unidades de utilidade de uma pessoa, além da impossibilidade de comparação de utilidade entre indivíduos diferentes, conforme apontariam os críticos modernos. Além dessas críticas, a filosofia de Bentham foi criticada em termos políticos. Se para algumas filosofias políticas alguns direitos individuais são invioláveis, para Bentham, se a coletividade ganha com uma medida que viole esses direitos, tal violação seria socialmente desejável. Qualquer ação governamental que se baseie no cálculo felicífico seria legítima. O utilitarismo de Bentham se choca assim com o liberalismo de Smith.

Bentham hoje: pense sobre em que medida a microeconomia moderna depende de argumentos utilitaristas. Identifique os autores influenciados pela filosofia benthamista.

## John Stuart Mill

1806 – 1873



Escola: clássica

Principais Obras: *A System of Logic; Da Liberdade; Princípios de Economia Política; Considerations of Representative Government; Utilitarianism; Auguste Comte and Positivism; The Subjection of Women.*

Vida: Mill foi objeto de uma experiência educacional de seu pai, o economista James Mill. Aprendeu grego aos 3 anos de idade, leu Platão e aprendeu latim aos 8, depois matemática e filosofia, e finalmente economia aos 13, completando sua educação aos 14. Essa educação refletiu as amizades que influenciaram seu pai, notadamente Bentham e Ricardo. Teve um colapso nervoso aos 20, depois do qual passou a estudar poesia, sendo influenciado por autores românticos como Dickens e também pelo filósofo Comte. Trabalhou com seu pai na Companhia das Índias. Conheceu Harriet Taylor com 24 anos, mantendo com ela uma relação platônica de 20 anos, vindo a casar-se após a morte do marido de Harriet. Mill foi bastante influenciado pelas idéias socialistas de sua esposa.

Principais Idéias: os *Princípios* de Mill representam uma síntese do pensamento econômico clássico, servindo por décadas como o livro texto mais utilizado. Ainda assim, Mill é um autor de transição: no campo analítico, ao mesmo tempo que consolida e refina as idéias de Smith, Say e Ricardo, desenvolve algumas idéias modernas, como a noção de oferta e demanda vistas como equações ou curvas. No campo político, é conhecido tanto pela sua defesa da liberdade individual em *Da Liberdade* quanto pela discussão e defesa nos *Princípios* de idéias socialistas.

Os *Princípios* estão divididos em cinco partes ou livros. Os dois primeiros tratam respectivamente da produção e distribuição da riqueza, que, conforme vimos, constitui o objeto de estudo da abordagem plutológica da economia política britânica. A característica fundamental da contribuição de Mill nesse aspecto é a separação completa entre produção e distribuição de riqueza:

*As leis e as condições da produção da riqueza têm o caráter de verdades físicas. Não há nelas nada de opcional ou arbitrário. ... Não acontece o mesmo com a distribuição da riqueza. Esta é exclusivamente uma questão de instituições humanas. Com as coisas que existem, a humanidade, individual ou coletivamente, pode fazer o que quiser. Pode colocá-las à disposição de quem quiser e sob as condições que quiser. Princípios, pág. 259*

A produção tem como requisitos o trabalho e objetos naturais empregados em conjunto com o mesmo, como bens de capital. A forma como o trabalho direciona a transformação dos objetos naturais estão sujeitas a leis naturais, como rendimentos decrescentes da terra, a dinâmica populacional de Malthus, possibilidades técnicas de transformação de insumos e produtos e a importância do acúmulo de capital (investimento) no aumento da capacidade produtiva. Estas são leis objetivas as quais os homens estão necessariamente sujeitos.

Já a distribuição da riqueza, por ser independente da produção, pode ser fruto de escolha humana. As instituições adotadas em um período e lugar, como por exemplo a existência da propriedade privada e sistema de trocas via mercado, determinam um padrão de distribuição. No entanto, este padrão distributivo pode ser alterado pela ação direta do governo<sup>1</sup> e pela escolha de outras instituições. Assim, Mill volta sua atenção para o estudo das diversas propostas de socialismo, como as defendidas por Owen, Saint Simon e Fourier. Mill discute as vantagens e desvantagens de modelos socialistas em comparação ao sistema de propriedade privada, simpatizando com as formas de socialismo que respeitassem a liberdade individual cara ao autor, rejeitando contudo as formas revolucionárias de socialismo.

No processo distributivo, a parcela que cabe aos trabalhadores é limitada pela teoria dos fundos de salários que mencionamos anteriormente: o processo produtivo ocorre no tempo, e parte da produção do período anterior é separada para sustentar os trabalhadores durante o período presente, enquanto a

---

<sup>1</sup> Como a distribuição pode ser separada da produção, o autor discute também medidas redistributivas, como a abolição do direito a heranças.

produção não se completa. As tentativas de reclamar uma porção maior do produto total, como por exemplo defendem os sindicatos de trabalhadores, estariam limitadas pelo tamanho do fundo, que só se expande no longo prazo. Mais tarde Mill abandonará a teoria, afirmando que não só o capital, mas também os rendimentos dos capitalistas sobre o mesmo poderiam ser utilizados no processo distributivo.

No terceiro livro, Mill discute as trocas e a teoria do valor. Para ele, as questões sobre valor não afetam a produção, sendo relevantes apenas para discutir a distribuição. Sob as instituições vigentes, a remuneração das classes sociais são pautadas por preços de mercado (salários, lucros, rendas). Sob outras instituições, o valor não seria importante sequer em termos distributivos, pois a distribuição poderia ser feita sem o uso do sistema de preços. Dadas essas considerações preliminares, Mill expõe com alguns refinamentos a teoria clássica do valor em termos de custos de produção, que determinam em competição preço de equilíbrio entre oferta e demanda no longo prazo. Nesta questão Mill comete o que provavelmente foi maior erro de previsão de um economista:

*Felizmente, não existe nada nas leis do Valor que resta para este ou qualquer outro autor futuro esclarecer; a teoria sobre o assunto está completa.*

Logo depois de escritas essas palavras, a partir de 1871, ocorreu a Revolução Marginalista, que rejeitou a teoria clássica do valor e a substituiu por uma teoria subjetiva do valor, que por sua vez atribui à utilidade marginal de um bem o seu valor.

No quarto livro, Mill estuda a evolução das economias. Vimos que para Ricardo uma economia progride enquanto houver lucros e acumulação de capital, depois do que ocorreria o estado estacionário, no qual cessaria o progresso material por falta de mais investimentos. Mill, em contraste com Ricardo, não considera o estado estacionário indesejável. Depois de se atingir este estado, cessando o processo de acumulação de capital, a sociedade estaria livre para adotar os esquemas redistributivos de riqueza e se dedicar a outros objetivos não materiais.

No último livro, Mill discute o papel do estado na sociedade. Mantendo como princípio básico o liberalismo, o autor distingue as funções obrigatórias do estado (como a proteção da segurança individual, coleta de impostos, cunhagem de moeda e administração da justiça) das funções optativas do mesmo (educação, proteção ao consumidor ou caridade pública).

A obra de Mill vai além dos *Princípios*. O autor tem contribuições importantes em outras áreas, como lógica (*System of Logic*) e filosofia política (*Da Liberdade*). Em economia, além dos *Princípios*, Mill é conhecido pelos seus escritos sobre metodologia, nos quais discute o papel da dedução e indução no conhecimento econômico. A ele se atribui também a caracterização do agente econômico da teoria clássica como *Homo economicus*, motivado pela aquisição de riqueza. Para os economistas britânicos, a Economia se limitaria apenas a esse tipo de motivação:

*Não há talvez uma única ação na vida de um homem em que ele não esteja sob a influência, imediata ou remota, de algum impulso que não seja o simples desejo de riqueza. Sobre esses atos a economia política nada tem a dizer. Mas há também certos departamentos dos afazeres humanos nos quais a obtenção de riqueza é o fim principal e reconhecido. A economia política leva em conta unicamente estes últimos.*

Mill hoje: identifique em aulas, artigos de jornal e livros modernos a noção de que produção e distribuição podem ser separadas. Considere a frase atribuída a Delfim Neto: “primeiro precisamos fazer crescer o bolo para depois dividi-lo”. Veja como tanto os críticos quanto os defensores dessa frase aceitam a separabilidade de Mill. Avalie as políticas de proibição de drogas, cigarros, bebidas, etc, sob a ótica da defesa da liberdade individual feita por Mill em *Da Liberdade*.